Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.145

Divulgação

#cm 2

TERÇA-FEIRA

ILUMINADOS



O **U2 celebra meio século com disco novo, "Carnaval de Luz",** turnê mundial - com datas confirmadas no Brasil - e uma discografia marcada **pela inovação que atravessa do punk ao pop sem perder a identidade. Cesar Monteiro viaja por 17 álbuns** que explicam por que o quarteto de Dublin segue como uma das maiores forças do rock. Páginas 2 e 3

Cinco décadas sem perder o fio

Uma viagem guiada por todos os discos da banda irlandesa, passando pelos hinos de arena dos anos 1980 e pela experimentação eletrônica dos 1990

CESAR MONTEIRO
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



U2 em imagem promocional do novo álbum, 'Carnaval de Luz'

O ano de 2026 consagra o jubileu de ouro do U2. Celebrando meio século de trajetória, a banda irlandesa movimentou o mercado fonográfico com dois EPs no primeiro semestre e lançou no último fim de semana seu 17º álbum de estúdio, "Carnaval de Luz". O pacote comemorativo se completa com o anúncio da turnê de 2027, que trará o grupo ao Brasil em março para quatro apresentações em São Paulo.

Essa jornada se iniciou em 25 de setembro de 1976, na escola Mount Temple Comprehensive School, em Dublin. Os então adolescentes Paul Hewson, Dave Evans e Adam Clayton responderam a um anúncio para a formação de um conjunto de rock, colocado no mural do colégio pelo baterista de 14 anos Larry Mullen Jr.

Com Hewson nos vocais (que ficaria conhecido como Bono Vox e, posteriormente, apenas Bono), Evans na guitarra (que assumiria a alcunha de The Edge) e Clayton no baixo, a banda atendia, a princípio, pelo nome de Feedback, e contava ainda com Dick Evans, irmão de The Edge, na segunda guitarra.

No ano seguinte, o nome foi alterado para The Hype e, finalmente, em 1978, já como quarteto, o grupo adotou a sigla U2 com a qual se consagraria na cena rock mundial, consolidando seu país de origem — terra do Thin Lizzy — no mapa definitivo da música pop. Aproveitando o ensejo do novo lançamento, confira uma viagem guiada pela discografia da banda.

BOY (1980) - O álbum de estreia do U2 tornou-se marco essencial do rock oitentista ao capturar a banda em seu estado mais pulsante, movida pela urgência crua do punk e pelo frescor melódico da new wave. Sob a condução segura do produtor Steve Lillywhite, o trabalho combina a energia juvenil do quarteto com arranjos vibrantes, guitarras de forte pegada e ganchos melódicos impecavelmente engendrados. Impulsionado por hinos imediatos como "I Will Follow" e "Electric Co.", o disco não apenas revelou a identidade sonora única do grupo ao mundo, mas garantiu com louvor o seu lugar na prateleira dos melhores e mais influentes álbuns da década.

OCTOBER (1981) - Embora possa não atingir o ouvinte com a mesma velocidade devastadora e imediata de sua estreia, o segundo álbum do U2, October, esquiva-se com maestria da temida "maldição do segundo disco" ao dobrar a aposta no pós-punk atmosférico e na urgência espiritual que colocaram Dublin no mapa. Reunindo forças novamente com Lillywhite, o quarteto canaliza sua fricção jovem e crua em uma paisagem sonora mais sombria e introspectiva — onde os dedilhados reluzentes de The Edge e os vocais inflamados e inquisitivos de Bono assumem o centro do palco. Ancorado pela grandiosidade arrebatadora e inegável de "Gloria" — uma verdadeira aula de tensão pronta para arenas e fervor religioso —, o registro prova que, mesmo quando capturado pelo turbilhão do sucesso repentino, a ambição do U2 já era grande demais para se limitar ao underground.

WAR (1983) - O álbum War marcou a virada definitiva da banda da cena pós-punk em direção a uma fase messiânica, consolidando a postura política e ativista que viraria sua maior marca registrada. Podemos considerá-lo o "Green Card" do U2. A conquista do mercado norte-americano veio embalada por hinos viscerais: "New Year's Day" trouxe uma crítica direta à repressão do sindicato Solidariedade e à lei marcial na Polônia, enquanto "Sunday Bloody Sunday" imortalizou a dor do massacre na Irlanda do Norte sob a condução de uma bateria marcial inesquecível. Impulsionado por esses clássicos gigantes, o trabalho culminou em uma vitoriosa turnê internacional e no aclamado registro ao vivo "Under a Blood Red Sky".

THE UNFORGETTABLE FIRE (1984) - Livre de qualquer resquício do pós-punk que marcou o início da carreira, o álbum batizado em homenagem a uma exposição de arte em Chicago sobre Hiroshima e Nagasaki, para a qual a banda doou cenários de sua turnê anterior — marcou a entrada definitiva do U2 em sua fase messiânica e deu início ao seu fascínio estético e cultural pelas coisas da América. Primeiro fruto da icônica parceria com os produtores Brian Eno e Daniel Lanois, o trabalho expandiu os horizontes da banda em direção a uma sonoridade mais atmosférica e espacial, abrindo com a pungente "A Sort of Homecoming" e abrigando hinos atemporais como "Pride (In the Name of Love)", a épica "Bad" e a própria faixa-título, além da sutil e belíssima "Promenade".

THE JOSHUA TREE (1987) - Ponto alto da fase messiânica do grupo, The Joshua Tree é o álbum multipremiado que atingiu o topo da crítica e do público ao entregar uma obra irretocável do início ao fim. Refletindo o ápice do fascínio da banda pela sonoridade e pelo imaginário norte-americano, o disco traz um Lado A com apelo mais pop que, mesmo tocado à exaustão nas rádios de todo o mundo, mantém o brilho com hinos atemporais como "Where the Streets Have No Name", "I Still Haven't Found What I'm Looking For", "With or Without You" e a tensa "Bullet the Blue Sky". Contudo, sua força estende-se com a mesma magnitude ao Lado B, abrigando pérolas de profunda carga emotiva e poética como "Running to Stand Still", "Red Hill Mining Town" e "In God's Country", que reafirmam este trabalho como o mais definitivo da discografia do U2.

RATTLE AND HUM (1988) - Consagrado como uma megabanda de alcance planetário, o U2 respondeu ao peso desse status com o ambicioso e polêmico projeto multimídia Rattle and Hum, que combinou um álbum duplo — mesclando faixas inéditas de estúdio com registros ao vivo da The Joshua Tree Tour e versões para clássicos de terceiros — a um documentário cinematográfico dirigido por Phil Joanou para capturar o quarteto em seu ápice. A obra explicita uma imersão profunda no blues, no folk e no gospel, marcada pela parceria com

B.B. King em "When Love Comes to Town", clipes gravados em Las Vegas e uma arrepiante releitura de "I Still Haven't Found What I'm Looking For" acompanhada por um coral religioso. À turnê "Lovetown Tour" segiu-se um intervalo estratégico para preservar a imagem do grupo e pavimentar o terreno para a drástica reinvenção que viria a seguir.

ACHTUNG BABY (1991) - Quando se espalhou que o U2 estava prestes a mudar de rumo, o boato foi imediato: a banda ia gravar um disco dance. Os ecos de eletrônica e batidas dançantes que vazaram sobre o novo trabalho bastaram para alimentar a conclusão apressada, mas "Achtung Baby" nasceu de outra coisa: a estadia do grupo em Berlim, cidade que vivia uma cena artística e musical de vanguarda em plena efervescência. Dessa experiência saiu o álbum que abre a fase experimental do U2 — experimental, mas ainda rock and roll na essência. "The Fly" é uma construção de distorções e guitarras em volume alto, "Until the End of the World" mostra The Edge deixando de ser um guitarrista básico para se aproximar do virtuosismo, e "Who's Gonna Ride Your Wild Horses" soa como o U2 de sempre. Houve estranhamento, sim: "Zoo Station", que abre o disco, desconcerta na primeira escuta; "Even Better Than the Real Thing" também foge do repertório habitual, e "Mysterious Ways" namora a world music. Ainda assim, crítica e fãs abraçaram o álbum, que marcou o nascimento de uma banda mais ousada artisticamente.

Divulgação



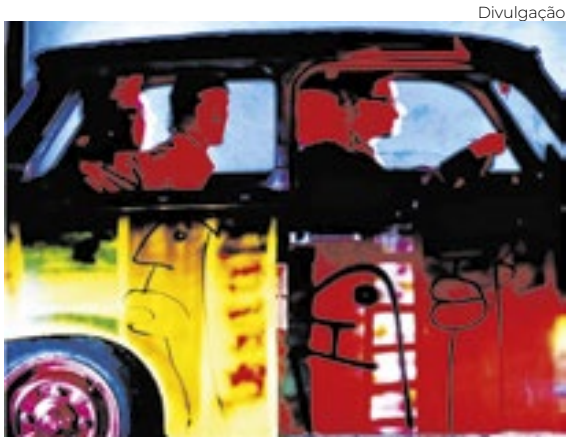
U2 nos tempos de 'Joshua Tree' em plena fase messiânica

Divulgação



O grupo surge na esteira do movimento punk

Divulgação



A fase pop dos anos 90 causou estranheza

Divulgação



U2: Shows grandiosos em estádios tornaram-se uma marca das tirnês da banda irlandesa

ZOOROPA (1993) - Composto no calor da estrada durante a "Zoo TV", ambiciosa turnê de promoção de "Achtung Baby", "Zooropa" representa o ápice da fase mais ousada e experimental da carreira do U2. Artisticamente denso e multifacetado, o álbum exibe um mergulho corajoso na estética da música eletrônica, evidente nas batidas hipnóticas e sintetizadores de faixas como "Lemon" e da hipnotizante faixa-título. Ainda assim, a essência melódica do quarteto irlandês ressoa em momentos mais introspectivos e acessíveis, a exemplo das delicadas "Stay (Faraway, So Close!)" e "Babyface".

ORIGINAL SOUNDTRACKS 1 / PASSENGERS (1995) - Quem procura aqui o U2 dos grandes refrões vai ter de garimpar. Lançado em 1995, com a banda sob o pseudônimo, o disco prolonga as experiências de Zooropa, mas com Brian Eno no comando. Concebido como a trilha sonora de um filme imaginário, traz um clima de texturas ambientais e eletrônicas que se desenrolam devagar, e em vários momentos o resultado soa mais como um trabalho do produtor do que da própria banda. O U2 que conhecemos aparece em lampejos: na melancólica "Miss Sarajevo", de pulso lento, em que a voz de Luciano Pavarotti dá ao trecho central um voo inesperado, e em "Your Blue Room", balada de contornos amplos. É nas peças instrumentais, porém, que o álbum se revela por inteiro.

POP (1997) - Lançado no auge das experimentações da década de 1990, "Pop" (1997) marcou o momento em que o U2 gravou um disco abertamente voltado à cultura clubber, uma guinada audaciosa que dividiu opiniões e acabou incompreendida por grande parte do público e da crítica. O trabalho entrega momentos inspirados como a psicodélica "Staring at the Sun", a visceral "Mofo" e a enérgica "Last Night on Earth". No entanto, o que por vezes soa incômodo ao longo do registro é a sensação de uma banda tentando provar a qualquer custo que não havia envelhecido.

ALL THAT YOU CAN'T LEAVE BEHIND (2000) - Consagrado como o aguardado retorno do U2 às suas origens, All That You Can't Leave Behind (2000) sintetiza um movimento natural do rock: após flertar com tendências modernas para provar relevância, a banda reavalia sua trajetória e reconhece que sua verdadeira força reside na essência que ela própria construiu. Deixando para trás os excessos e a estranheza das experimentações eletrônicas do álbum anterior, o grupo entregou um trabalho honesto e consciente de sua maturidade — sem a pretensão de revolucionar a música como fez no passado, mas capaz de produzir rock de forte apelo comercial sem perder de vista o apuro. Impulsionado pela grandiosa e solar "Beautiful Day", o disco abriga ainda pérolas mais puras e palatáveis como "Elevation" e "Walk On". E assim, o U2 fazia as pazes com as paradas de sucesso.

HOW TO DISMANTLE AN ATOMIC BOMB (2004) - O U2 chega a "How to Dismantle an Atomic Bomb" (2004) disposto a continuar sem arriscar. O disco dá seguimento ao trabalho anterior sem grandes sobressaltos, com canções bem acabadas e rock sem rodeios, como no single "Vertigo", que abre a conversa com guitarras na frente e refrão claramente criado para arenas. É um dos trabalhos mais roqueiros que o grupo lançou em muito tempo. Há momentos como "City of Blinding Lights", cujo brilho lembra o U2 dos anos 1980, e em "Sometimes You Can't Make It on Your Own", que Bono escreveu para o pai, falecido em 2001.

NO LINE ON THE HORIZON (2009) - Inicialmente concebido como uma tentativa de renovação sonora, o disco começou a tomar forma sob uma proposta inédita: o lançamento fracionado em dois EPs. Embora lampejos dessa busca por inovação ainda possam ser percebidos sutilmente em certas passagens, o grupo acabou recuando para caminhos mais convencionais ao condensar o material em um único álbum e convocar novamente seus antigos parceiros Brian Eno e Daniel Lanois para retrabalhar as sessões de Rick Rubin, que pouco foram aproveitadas. O resultado final é um trabalho apenas correto, mas perceptivelmente desprovido de maior inspiração. Os poucos momentos de verdadeiro brilho acabam restritos à envolvente faixa-título e ao ímpeto de "Magnificent".

SONGS OF INNOCENCE (2014) - Lançado cercado por uma agressiva e questionada estratégia de marketing, surgindo aleatoriamente nas bibliotecas do iTunes em todos os iPhones ao redor do mundo (ainda que de forma gratuita), o álbum trouxe o U2 operando um som seguro, buscando equilibrar o apelo aos fãs nostálgicos e aos ouvintes mais jovens. Através da produção refinada de Danger Mouse, o trabalho passeia por hinos pop modernos como "The Miracle (Of Joey Ramone)", "Every Breaking Wave" e momentos que resgatam a energia oitentista como "Iris (Hold Me Close)" e "Raised by Wolves". Embora tecnicamente impecável e ancorado na execução precisa, o disco compensa a falta de inspiração com metalinguagem e nostalgia, entregando um conjunto correto que não mancha a trajetória do grupo.

SONGS OF EXPERIENCE (2017) - Na altura em que a maioria dos artistas se acomoda na nostalgia, o grupo juntou produtores como Andy Barlow, Jolyon Thomas, Jacknife Lee e Ryan Tedder para trazer frescor, mantendo Steve Lillywhite para preservar a identidade. Pensado como contraponto ao antecessor a partir da obra de William Blake, o disco tem clima mais reflexivo e guitarras mais pesadas. "Love Is All We Have Left" e "Lights of Home" definem o tom, enquanto "You're the Best Thing About Me" e "Get Out of Your Own Way" provam que o faro para hits segue intacto. O álbum não está entre os melhores do quarteto, mas vale pela ambição: alterna grandiosidade e introspecção, mantém o inevitável tom messiânico e mostra um U2 que soa como sempre, mas finalmente se esforçando para entregar algo novo após um longo período de inércia.

SONGS OF SURRENDER (2023) - Não podemos chamá-lo de um trabalho inédito. O álbum de regravações toma emprestado o nome do livro de memórias de Bono ("Surrender") e revisita faixas clássicas partindo de um exercício de seleção: cada integrante escolheu dez canções do repertório do U2, e The Edge ficou responsável por reinventá-las em versões mais íntimas, sem os efeitos de estúdio, as guitarras elétricas e a percussão em estrondo, distribuídas em quatro volumes batizados com o nome de cada músico. De fato, nenhuma faixa soa como a original, mas quase nenhuma surpreende. O resultado é um disco sereno e elegante, de violões em primeiro plano, que olha para trás em vez de arriscar.

Amanhã, publicaremos a crítica de 'Carnaval de Luz'

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

Lyra Jr/Divulgação



Espetáculo reúne música e dança

‘Coleções’ é atração na Sala em Movimento

No próximo dia 28, às 17h, a Série Sala em Movimento da Sala Cecília Meireles apresenta “Coleções”, espetáculo com o violonista Mário da Silva e a Rocio Infante Companhia de Dança. Com músicas ao vivo, gravações e coreografias de Rocio, a apresentação tem no roteiro obras de diferentes compositores, como Frédéric Chopin, Heitor Villa-Lobos, Sérgio Assad, Leo Brouwer e Caetano Veloso, além de criações de Mário da Silva e seus colaboradores.

No elenco, Renata Brenger, Beatriz Manso, José Reis, Karen Leão, Roberta Camargo e Antonella Cabral; concepção e direção de Rocio Infante. Solos e duos de dança acompanham o repertório instrumental e vocal, com interpretação em língua de sinais dos textos. A partir de R$ 20.

Pensando os acervos

O Arquivo Musical do Theatro Municipal realizou, no último dia 11, o projeto “Acervos musicais: reflexões e perspectivas”. No encontro, duas palestras: “O papel da Musicologia e da Museologia na gestão de acervos musicais”, com Ivan Paparguerius, chefe do Arquivo Musical e a museóloga Maria Clara Cunha, ambos da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em seguida, o maestro Ricardo Rocha, da Cia Bachiana Brasileira, apresentou “A sinfonia em sol menor de Alberto Nepomuceno: uma análise completa da obra, estrutural e exegética”.

Cordas e oboé

A OSB Jovem ocupa o Theatro Municipal nesta quinta-feira (19), às 19h. Regência de Anderson Alves; Rodrigo Herculano (oboé). Tocam Bizet – Carmen e L’Arlesienne, Lebrun – Concerto nº para oboé e orquestra e Tchaikovsky – Sinfonia nº 4.

Serestas de Villa

Ainda nesta quinta-feira, às 19h, no Museu da República, o Tro Oré - formado por Carolina Morel (soprano), Calebe Faria (barítono) e José Sacramento (piano) - faz a integral da Serestas de Villa-Lobos para canto e piano. Ingressos a R$ 1.

Medalha baiana

O Projeto Neojiba será o homenageado da Medalha Villa-Lobos 2026, na categoria institucional. Concedida pela Academia Brasileira de Música a instituições que se destacam pelo fomento, valorização e difusão da música brasileira, a medalha será entregue nesta quinta (19), durante concerto no Teatro Castro Alves, em Salvador.

Divulgação



Divulgação



A Camerata Lieto desenvolve pesquisa sobre a música barroca do seculo XVII que faz uso de instrumentos de época

A música que rodeava o Boca do

Palestra-concerto sobre Gregório de Mattos, poeta barroco da Bahia, apresenta o universal poético-musical em torno do bardo ‘maldito’ do Brasil Colônia

AFFONSO NUNES

A Camerata Lieto estreia nesta terça-feira (17), às 11h, série de palestras-concerto sobre a música de Gregório de Matos na UniRio, com entrada franca. Com guitarra barroca, viola da gamba, flauta doce e contratenor, “A Lyra do Boca do Inferno” investiga a relação do poeta baiano com a música do século XVII, no ano em que se completam 390 anos de seu nascimento e 330 de sua morte.

Gregório de Matos Guerra (1636–1696), o Boca do Inferno, é um dos nomes mais emblemáticos do Barroco brasileiro. Nascido em Salvador, formou-se em Direito em Coimbra (Portugal) e voltou à Bahia com um olhar crítico sobre a sociedade colonial.

Usou a sátira contundente para atingir autoridades, religiosos e a elite local, o que lhe rendeu o apelido e, por fim, o desterro para Angola. Sua obra circulou sobretudo em manuscritos e pela oralidade, e boa parte só foi reunida depois de sua morte. Pouco lembrado como músico, tocava guitarra barroca e viveu num tempo em que poesia, canto e dança se misturavam.

Reprodução



Gregório de Matos

A pesquisa desenvolvida pelos músicos da Camerata Lieto parte de todo e ambiente, mesmo sem supor que cada poema tenha uma melodia determinada. O trabalho rastreia repertórios, referências e formas de circulação sonora capazes de iluminar o universo do poeta.

O grupo confronta textos e documentos musicais da época para perguntar que canções, danças e tradições podiam atravessar a experiência de um homem letrado na sociedade colonial. Informação histórica e performance ocupam o mesmo espaço neste concerto-palestra.

Hebert Campos assume contratenor e percussão; Kristina Augustin toca viola da gamba e flauta doce; Luiz Mello responde pela guitarra barroca. O conjunto usa cópias de instrumentos históricos, dando a senha para o público perceber timbres, proporções e gestos que organizavam a prática musical do século XVII.

Naquela época repertórios musicais circulavam por rotas marítimas, instituições religiosas, festas e casas particulares. Espanha, Portugal e Brasil formavam uma rede desigual, mas intensamente conectada, de textos, melodias, danças e modos de tocar.

A Camerata Lieto se dedica aos repertórios vocais e instrumentais dos séculos XVII e XVIII. Entre suas apresentações estão a Sala Cecília Meireles, o Espaço Cultural BNDES e o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora.

Depois desse primeiro encontro, o projeto segue para o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), em 11 de dezembro, e para o Centro de Referência da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, em 13 de dezembro.

SERVIÇO

CAMERATA LIETO - O LYRA DA BOCA DO INFERNO

UniRio (Av. Pasteur, 296, Urca)
17/11, às 11h | Grátis

As contradições do desejo em cena

Peça de João Cícero Bezerra, com Carlos Eduardo Carretoni e Ítalo Villani, 'Lábios Meus' aborda afetividade e violência nas relações homoeróticas

Em cartaz no Espaço Abu, em Copacabana, "Lábios Meus (7 visitas e um adeus)" parte de uma situação de confinamento entre dois homens. A peça, de autoria e direção de João Cícero Bezerra, investiga as contradições do desejo, da afetividade e da violência nas relações homoeróticas.

"Interessa-me particularmente discutir a homofobia que também se manifesta dentro da comunidade LGBTQIAPN+, sobretudo por meio das hierarquias entre masculinidade e feminilidade, das convenções de gênero e das formas de dominação que atravessam as experiências amorosas", conta João Cícero.

O autor e encenador destaca que sua dramaturgia procura não apenas representar essas tensões, mas interrogar de que maneira os sujeitos reproduzem, muitas vezes contraditoriamente, as estruturas que os oprimem.

"Situada entre um realismo extremado e disruptivo, mas com uma dimensão lírica, por vezes onírica, 'Lábios Meus' dialoga com uma tradição latino-americana que passa pelo teatro de Plínio Marcos, pelo cinema de Arnaldo Jabor e pela literatura de Manuel Puig", aponta Cícero.

"O confinamento aqui funciona como metáfora das prisões sociais, afetivas e subjetivas que condicionam o desejo", analisa, acrescentando que texto está longe de emitir juízo de valor pois não condena e tampouco absolve os personagens. A obra prefere examinar como esses dois homens acabam por reproduzir, muitas vezes de forma contraditória, as próprias estruturas que oprimem suas existências.

Divulgação



Carlos Eduardo Carretoni e Ítalo Villani levam ao palco toda a carga emocional em torno das vivências homoafetivas em 'Lábios Meus (7 Visitas e um Adeus'), em cartaz até o dia 29

SERVIÇO

LÁBIOS MEUS (7 VISITAS E EUM ADEUS)

Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 249, Loja E, Copacabana)

Até 29/11, sexta a domingo (20h)

Ingressos: R$ 50 e R$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Cláudia Ribeiro/Divulgação



Encontro de irmãs

As Irmãs Pereira, comédia de Pedro Brício, segue em cartaz no Teatro Municipal Ziembinski, na Tijuca, até domingo (22). Glória, Edna e Dulce, entre 60 e 70 anos, se reúnem para decidir onde jogar as cinzas da mãe, morta há um ano, e terminam planejando mudar de país. No reencontro, confessam desejos que vão de trabalho e sexo a inteligência artificial e fé. Guida Vianna, Clarisse Derzié Luz e Raquel Rocha integram o elenco. Sessões de sexta e sábado, às 20h, e domingo, às 19h. Ingressos: R$ 70 e R$ 35 (meia).

Divulgação



Na filosofia do tijolo

O artista cearense Wellington Gadelha apresenta "Desmonumento" no Teatro Petrobras Futuros, no Flamengo. Na performance, o tijolo, comum na construção civil, aparece também como elemento que delimita fronteiras e organiza desigualdades. A encenação mistura artes cênicas e instalação imersiva: a ação física do artista no palco é transfigurada em escala monumental por projeções e paisagens sonoras. A temporada segue até domingo (22). Entrada gratuita, com reserva prévia pelo site do centro cultural.

Roberto Carneiro/Divulgação



Uma herança incômoda

A Penúltima Cia. De Teatro apresenta "Rei De Copas" no Teatro Municipal Ziembinski, na Tijuca. Após a morte repentina do pai, os irmãos Thiago e Gabriela e André, viúvo do falecido, precisam decidir o destino do último bem herdado: um bar temático de jogos de tabuleiro que só dá prejuízo. O reencontro em torno da herança traz à tona mágoas e leituras diferentes sobre o pai. A temporada vai termina nesta semana com sessões nesta terça e quarta (17 e 18), às 20h. Ingressos: R$ 60 e R$ 30 (meia).

A **nudez** da verdade

Meca do cinema documental autoral, o IDFA, na Holanda, abre espaço para o Brasil ao levar 'Morro Grande', 'Sobre Memória e Esquecimento' e 'Hanabi' à consagração mundial

Divulgação



Com 'Morro Grande', Isabel Joffily e Rita Toledo abre telas estrangeiras para a produção documental do Brasil

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Criado em 1988 com base no projeto ético de "ser uma plataforma para vozes que não são ouvidas", o International Documentary Film Festival Amsterdam, respeitado há quase quatro décadas apenas sob o nome IDFA, avança em sua vocação de servir como megafone para as urgências do mundo em sua (fervente) edição de número 39, aberta no último dia 12, que hoje avança pelo Brasil. Nesta terça, Amsterdã, canteiro da Holanda que serve de lar ao evento, vai receber "Morro Grande", dirigido por Isabel Joffily e Rita Toledo, na Competição Internacional. É raríssimo ver uma produção Brasil nessa raia, onde 15 anos atrás, Eduardo Coutinho (1933-2014) se fez aclamar com "As Canções" (2011). É um consenso da crítica tratar o IDFA como a Meca do cinema documental no mundo, o que eleva o cacife autoral das realizadoras do longa.

Filmado entre 2022 e 2026 e produzido pela Coevos Filmes em coprodução com a Basalt Films (Holanda), Eline van Wees, Canal Brasil e RioFilme, "Morro Grande" retrata o abismo social que assola o país a partir da rotina de agricultores do interior do Rio de Janeiro, e joga luz sobre o colonialismo químico. Na prática, países do Norte Global proíbem o uso de agrotóxicos dentro de suas fronteiras, mas os produzem e os exportam para países do Sul Global.

"Morro Grande" acompanha a jornada de Rodolpho, um escritor nascido em uma comunidade rural brasileira cercada por plantações de chuchu pulverizadas com agrotóxicos. Após a morte de seu amigo Vaguinho, um jovem e talentoso agricultor que se destacou como líder de um movimento punk rural nos anos 2000 com a banda Formigas de Fogo, Rodolpho decide reconstituir a vida e a morte do companheiro de juventude - que se suicidou tomando pesticida em uma garrafa de Coca-Cola. Ao entrelaçar a trajetória de Vaguinho com outras histórias locais, o longa expõe uma visão alarmante sobre a rotina dos trabalhadores de Morro Grande, que vivem no limite da morte, ao mesmo tempo em que destaca a força e a permanência da resistência comunitária.

Divulgação



'Sobre Memória e Esquecimento' busca os aplausos da sessão Frontlight do IDFA

Divulgação



'Flor de Fogo', mais conhecido como 'Hanabi', veio de Locarno, passou no Rio e agora brilha nos Países Baixos

LONGAS EM COMPETIÇÃO NO IDFA 2026

"Bardi", de Tala Hadid (Marrocos);
"Crack in the Head, Crack in the Sky", de Mehran Tamadon (França);
"Down the River", de Ruslan Fedotov (Alemanha);
"Hazara Town", de Khadim Dai (Bélgica, Austrália e Alemanha);
"Here Where the Fire Burns", de Juan Manuel Sepúlveda (México);
"An Incomplete Day in the History of Georgia 10.06.93", de Salomé Jashi (Geórgia);
"Lonan Tché", de Joël Richmond Mathieu Akafou (França, Itália, Costa do Marfim e Senegal);
"Mangabangabaka", de Michaël Andrianaly (França, Madagascar e Burkina Faso);
"Morro Grande", de Isabel Joffily e Rita Toledo (Brasil e Países Baixos);
"Still Night, Burning House", de Carol Nguyen (Canadá);
"White Tiger Column", de Robert Mentov, Dwight Jantzi e Bryan Dickie (Canadá);
"Women and War", de Elwira Niewiera (Alemanha, Polónia e Ucrânia);
"The Year of the Ghost", de Louis Hothothot (Países Baixos e China).

Noutro canto do IDFA, na seção Memória e Esquecimento, "Sobre Memória E Esquecimento", de Ricardo Martensen, leva SP à telas holandesas. Sob a terra de um cemitério paulista, os mortos sem nome insistem em permanecer. Uma vala comum criada nos anos 1970, o silêncio que ainda envolve um massacre policial ocorrido nos anos 2000 e um laboratório forense ameaçado de fechamento revelam um país onde o esquecimento faz parte da paisagem. Em meio a esse projeto de apagamento, três mulheres desafiam o silêncio em busca da memória, da verdade e da justiça. Tem projeção desse longa esta manhã.

Fundado como sucessor do Festikon, um festival de cinema educativo criado pelo Instituto de Cinema da Holanda em 1961 e encerrado em 1987, em razão da falta de interesse do público, o IDFA sabe se fazer pop em suas escolhas autorais, priorizando narrativas inflamáveis, de forte impacto sociocultural. No diálogo com o Brasil, este ano, a maratona de realidades exibirá ainda "Flor De Fogo" ("Hanabi"), de Ana Vaz, agendado para sábado. Rodado no Japão, a produção com DNA do DF observa um país submetido a uma ameaça mortal, sob o trauma de um terremoto e as instabilidades oriundas a uma catástrofe nuclear. Atravessando uma série de testemunhos e experiências, há um livro diário, "Journal of a Radioactive Brain", da escritora Yoko Hasuke. Suas páginas nasceram na esteira do tsunami e do desastre atômico que se seguiu ao terremoto de Tohoku. Dele nasceu este poema visual, que foi sensação no Festival de Locarno, na Suíça, em agosto.

Também no sábado, na véspera de fechar suas atividades, o IDFA se rende ao fenômeno de bilheteria "Tudo Pode Ser Visto" ("You Can See Everything"), produção de US$ 7 milhões que fechou a Mostra de São Paulo, em outubro, e, já faturou US$ 90 milhões. No longa, dirigido por Nathan Fielder e Lance Oppenheim, a equipe de filmagem acompanha Elizabeth Holmes, fundadora da Theranos, empresa de tecnologia da saúde que se tornou protagonista de um dos maiores escândalos de fraude do Vale do Silício. Após ser condenada, Holmes convida a equipe cética de Fielder e Oppenheim para registrar seus passos nos 34 dias que antecedem sua prisão. O que sai das filmagens expõe sua alma. Por isso está no IDFA.

Luciana Mello/Divulgação



O bagulho é rir

Em meio à marola de milhões da comédia nacional, com 'Minha Melhor Amiga' e 'Os Farofeiros 3', o hilário thriller 'Verão da Lata' chega para ampliar o barato do circuito

Dois policiais federais, Sandra (Samantha Schmütz) e Brasa (Babu Santana), buscam a verdade por trás do aparecimento das latas de maconha na costa brasileira



> *"O filme se mantêm fiel ao espírito debochado e anárquico que marcou o período de redemocratização, sem nunca perder de vista a despretensão e a habilidade do brasileiro em rir de si mesmo"*
>
> **SANTIAGO DELLAPE**

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Queimando tudo até a última ponta... do imaginário carioca... o episódio retratado em "Verão da Lata" vai apertar... e vai acender agora... neste 19 de novembro, ao estrear em circuito, uma faísca histórica capaz de unir contravenção e acaso, tendo deixado muita gente de olhinho vermelho. Com a ousadia de quem se arriscou a fazer uma ficção científica (e das boas) no Brasil (o cult "A Repartição do Tempo"), o diretor Santiago Dellape agora volta ao passado, até setembro de 1987, quando a tripulação do navio Solana Star, carregava 22 toneladas de maconha pela costa brasileira.

A erva estava distribuída em mais de 14 mil latas. O povo da embarcação lançou a carga ao mar após ser interceptado numa operação da Polícia Federal e da Marinha, nas proximidades de Angra dos Reis. As correntes levaram parte da droga até as praias do Sudeste.

O fenômeno ficou conhecido como o "Verão da Lata". O "bagulho", de origem tailandesa e apelidado de "veneno", se espalhou pelo país e rapidamente ganhou fama por sua potência. O caso, que ocorreu poucos anos após o fim da ditadura militar, influenciou a música e a cultura pop. Inspirou canções de blocos de carnaval, versos do poeta Chacal e sucessos como "Veneno da Lata", de Fernanda Abreu, além de consolidar um imaginário de liberdade e irreverência que marcou o Brasil do final dos anos 1980. É aí que o filme opera.

"O 'Verão da Lata' é uma história super cinematográfica, daquelas que você escuta e fala: 'Essa história dá um filme!'. Só mesmo o 'roteirista Brasil' poderia ter concebido uma premissa tão surreal quanto essa, de uma maré de latas de maconha chegando às praias cariocas e disparando uma verdadeira corrida pelo ouro verde", conta Dellape. "Eu era criança na época das latas e não aproveitei aquele verão como muitos aproveitaram, mas posso afirmar que venho investigando o tema da cannabis pelo menos ao longo dos últimos 30 anos. A pesquisa para o filme se beneficiou da farta cobertura televisiva que as emissoras da época fizeram, e esse material de arquivo acabou sendo embaralhado no corte final do filme de forma muito original pela montadora, a Maria Rezende".

Neste momento de corrida às comédias nacionais, com o milionário desempenho de "Minha Melhor Amiga" (e seus seis milhões de pagantes) e o frisson em torno de "Os Farofeiros 3" (de quina pra lua desde sua abertura com 300 mil espectadoras/es), "Verão da Lata" pode ampliar a marola de sucesso das produções de espectro popular do país. Dellape assina o roteiro com Davi Mattos e Renato Fagundes, contando com as produtoras Gancho de Nuvem, Na Paralela Filmes, Nada Consta e A Fábrica ao seu radar. Tem coprodução com Warner Bros. Discovery e H2O Produções, com distribuição da H2O Films.

Na trama, conhecemos os policiais federais Sandra (Samantha Schmütz) e Brasa (Babu Santana), parceiros de personalidades opostas que acabam diante de um caso nada convencional. Na história, milhares de latas cheias de maconha começam a aparecer nas praias brasileiras, provocando uma verdadeira 'corrida do ouro verde' no verão de 1987. Enquanto tentam entender a origem da carga, os dois cruzam o caminho de traficantes, policiais corruptos, jornalistas, malandros e jovens em busca de sorte, em uma trama inspirada livremente no episódio real que marcou aquele verão.

"Por orientação do nosso departamento jurídico, tentamos dissociar ficção de realidade em alguns aspectos que poderiam nos trazer dor de cabeça do ponto de vista legal. Então alteramos os nomes de todos os envolvidos, mudamos a nacionalidade do comandante do barco de americana para australiana e, por muito pouco, o nome real da embarcação, que era Solana Star, não foi trocado por Verano Breeze. Felizmente, tivemos autorização para usar o nome original faltando poucos dias para a filmagem. Mas as referências históricas estão todas lá, a começar pelo quadro do Presidente Bigode na parede da sala do delegado, que os mais vividos certamente irão reconhecer", conta o cineasta.

No enredo central, Alane Dias faz sua estreia como atriz no cinema no papel de Marina, uma jovem caiçara que, ao lado do irmão Chico, vivido por Igor Jansen, está entre os primeiros a encontrar as misteriosas latas. Rafael Saraiva interpreta Michael, o cozinheiro do navio ligado ao episódio que desencadeia a história. O elenco conta ainda com Humberto Martins, Leandro Firmino, Polly Marinho, Gabi Correa, Ademara e Paulinho Serra. A trilha sonora é um componente importante nessa ambientação de época e Dellape lista as mais emblemáticas:

"Eu destaco as duas faixas do Bezerra da Silva, que fazem alusão direta aos conflitos narrados na trama: 'A Fumaça Já Subiu Pra Cuca', que é uma curtição com a cara da polícia ao alegar que 'não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca' (tática semelhante à dos traficantes do Solana Star, que despejaram as latas no mar para se livrar do flagra da Marinha Brasileira), e 'Malandro é Malandro e Mané é Mané', que é um verdadeiro hino carioca e resume bem o choque de personalidades dos nossos protagonistas, Sandra e Brasa", explica o diretor, com a certeza de que "Verão da Lata" tem uma energia pop colorida e vibrante bem característica da década de 1980. "Ele bebe na fonte de programas televisivos daquela época, como 'Armação Ilimitada' e 'TV Pirata', inclusive a queridíssima Cristina Pereira faz uma participação especial no filme como Dona Arlinda, mãe da personagem da Samantha Schmütz. No final das contas, sinto que o filme consegue, satisfatoriamente, traduzir o desbunde estético daquela época e se manter fiel ao espírito debochado e anárquico que marcou o período de redemocratização do Brasil, sem nunca perder de vista a despretensão e a habilidade do brasileiro em rir de si mesmo".

FOTOCRÔNICA



CARLOS MONTEIRO
FOTOS E TEXTO

Rio, eu vejo flores em você

Há cidades que se revelam em monumentos. Outras, em cartões-postais. O Rio, não. O Rio se oferece em flores. Flores que brotam nos jardins, escapam pelos muros, enfeitam as calçadas e, sobretudo, caminham pelas ruas. Porque a Cidade Maravilhosa tem uma vocação floral. É poeta que escreve seus versos com pétalas e colore suas manhãs com a delicadeza de quem sabe amar.

Ao amanhecer, quando o sol ainda ensaia seus primeiros acordes sobre o mar, a cidade desperta como um imenso jardim. A Floresta da Tijuca derrama seu verde sobre a paisagem. As paineiras vestem-se de rosa. Os flamboyants incendeiam esquinas. Os ipês, em suas diferentes estações, oferecem amarelos, roxos e brancos ao olhar de quem ainda sabe parar para contemplar. Nos jardins do Jardim Botânico, a natureza parece conversar baixinho com a eternidade.

Mas há outras flores. Talvez as mais bonitas. São aquelas que não precisam de raízes, terra ou vasos. Estão nas pessoas. No sorriso da senhora que atravessa a rua de Ipanema. Na menina que corre pela areia. No vendedor de mate que anuncia sua alegria entre um gole e outro. No abraço demorado dos amigos no botequim. Na gentileza inesperada, no gingado de quem dança a vida, na pele dourada pelo sol. Cada carioca é uma espécie. Cada rosto, uma cor. Cada gesto, uma pétala.

E que perfumes tem essa cidade! O aroma adocicado das mangueiras, a fragrância discreta das gardênias, o perfume intenso das damas-da-noite que despertam quando o sol se recolhe. Há cheiro de jasmim nos quintais, de terra molhada depois da chuva, de maresia misturada ao perfume de uma flor que insiste em nascer entre as pedras. Aromas que se encontram, se confundem e despertam sentidos. O Rio também se fotografa pelo olfato.

É uma sensualidade que não se explica. Está no perfume que atravessa uma varanda, no vento que acaricia os cabelos, na flor oferecida sem motivo, no olhar que floresce antes mesmo de qualquer palavra. A cidade seduz sem pedir licença. Tem o perfume de quem conhece seus encantos e a delicadeza de quem não precisa anunciá-los.

Imagino o Rio como um poeta apaixonado. Sua musa é a própria vida. E, todos os dias, ao despertar, ela lhe oferece ramalhetes. Não escolhe apenas rosas ou orquídeas. Colhe gente. Gente de todas as cores, sotaques, histórias e sonhos. Entrega-lhe um buquê de trabalhadores, artistas, pescadores, crianças, sambistas, atletas, anônimos e personagens de tantas esquinas. Flores humanas que, juntas, fazem da cidade um jardim impossível de reproduzir em qualquer outro lugar. Talvez seja por isso que, mesmo diante de suas dores e contradições, o Rio continue tão apaixonante. Porque sua maior beleza não está somente na paisagem que se descortina entre o mar e a montanha. Está naquilo que floresce apesar de tudo.

E quando a tarde se despede, tingindo de dourado o Dois Irmãos e fazendo o Cristo Redentor parecer abraçar o horizonte, a poeta recolhe seus versos e prepara novos ramalhetes para o dia seguinte. Afinal, há muito tempo descobri: o Rio não é apenas uma cidade bonita. É uma declaração de amor em permanente floração. Rio, eu vejo flores em você. E, em cada carioca, encontro uma delas.









